

Escola, leitura, leitores – literatura

Gizelle Kaminski Corso*
Josiele Kaminski Corso Ozelame**

Resumo

Considerando a importância da leitura como experimentação de sentimentos, de lugares, de espaços e de culturas, este texto tem como objetivo refletir sobre aspectos da leitura em sala de aula sem perder de vista a questão do ensino. Como despertar o gosto pela leitura? De quem é a responsabilidade? Como lidar com a parafernália tecnológica?

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Leitor. Sala de aula. Educação.

Paulo Freire, em palestra ministrada na década de 1980, intitulada *A importância do ato de ler*, asseverava que “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra.” (FREIRE, 1992, p. 12). Com essa afirmação, Freire não estava destituindo de importância a leitura cifrada, dos códigos, mas estava compreendendo-a como consequência e seguimento da primeira. Isso significa dizer que o conceito de leitura desse educador brasileiro não se restringia a apenas decifrar códigos, mas a algo que perpassava os limites do papel, a percepção das relações entre texto e contexto.

Lê-se a todo instante e a cada momento decifram-se gestos, imagens, palavras, atos, sentidos, imagens e cheiros. E aí é que a leitura entra como espécie de experimentação de sentimentos, lugares, espaços, coisas, culturas. Segundo Bueno (2003), em *Formas da crise: estudos de literatura, cultura e sociedade*,

* Mestre em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista; doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina; Rua Hercílio de Aquino, 362, Bloco B, Ap. 503, Itaguaçu, Florianópolis, SC, 88085-470; gikacorso@gmail.com

** Mestre e doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina; josicorso@gmail.com

é a partir da leitura e da literatura que se adentra ao mundo democrático, que se conduz à alfabetização, ao livro, ao mundo do conhecimento e à vida civil. Ou seja, é como se elas fossem parte dos direitos humanos. Por meio da leitura amplia-se o campo do possível, remetendo-se a um mundo ficcional imaginário. Muda-se de lugar, fazem-se perguntas, tiram-se todas as máscaras. “Ler é uma precária vitória, da vida contra a morte, do amor contra o vazio, da memória contra o esquecimento.” (BUENO, 2003, p. 336).

Como em um mundo tão coberto pela tecnologia, facilidades e praticidades despertar o desejo e o gosto pela leitura em jovens leitores? Como competir com as inúmeras telas, sejam elas de telefone celular, sejam de computadores, mp3, 4 e 5? Há espaço para a leitura? Que tipo de atividades, de caminhos, de atalhos podem ser tomados para que a leitura seja matéria de prazer, como já afirmou Roland Barthes em *O prazer do texto*?

Segundo Abreu (2009) a leitura de hoje é diferente da de outros tempos. Por exemplo, no século IV d. C a norma era ler em voz alta nos salões, em casa e nos serões, ou seja, naquela época, a leitura era uma forma de entretenimento social. Isso acontecia, também, porque muitos nobres daquela época (isso se estende até o século XIV) dependiam da oralidade para compreender o texto. Era por esse meio que os iletrados também tinham acesso aos conteúdos escritos. Na segunda metade do século XIX a leitura em voz alta perde força, e é mantida apenas nas igrejas, tribunais e nas escolas. Também, nesse tempo, o bom leitor não era aquele que lia muitas obras, mas que lia e meditava sobre suas leituras.

Na segunda metade do século XVIII, o médico suíço, Tissot escreveu um livro intitulado *A saúde dos Homens de Letras* em que apresentava os perigos que a leitura oferecia para saúde. Ele explicava que o esforço continuado de intelecção de um texto prejudicaria os olhos, o cérebro, os nervos e o estômago. (ABREU, 2009, p. 2).

A saúde dos homens de letras estava em questão. Entre os interditos apresentados na época, pode-se dizer que hoje o único prejuízo que a leitura pode causar está condicionado à visão (associado às leituras feitas na tela do computador) – quando se apresenta um problema e este não é corrigido. Nesse caso, podem aparecer dores de cabeça, tonturas e mal-estar, que devem ser previamente evitados com a consulta a um oftalmologista.

Pesquisador também da ordem dos livros e da escrita, o historiador francês Roger Chartier não perdeu de vista a relação entre o texto e o leitor na era da informática, especialmente, em sua mais recente obra, *Os desafios da escrita*, traduzida para a língua portuguesa em 2002. Chartier, em *Morte ou transfiguração do leitor?* atenta à possível mutação que pode ocorrer na substituição do códex impresso (volume antigo, manuscrito, organizado em cadernos, unidos entre si por costura e encadernação) pelo livro eletrônico. Nessa esteira, coloca em questão a noção de livro e afirma que “[...] ao ler na tela o leitor contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas – e a diferença não é pequena – ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente e que é dotado de todos os pontos de referências próprios da forma do livro.” (CHARTIER, 2002, p. 114). Esses pontos de referência que o historiador francês menciona seriam a paginação, o índice, as tabelas. A leitura horizontal da Antiguidade tornou-se vertical e acontece na medida do “rolar a barra” na tela do computador.

É importante compreender que os jovens possuem novos anseios e não estão avessos às evoluções. Na condição de professores e educadores, é inadmissível ignorar a existência de toda a parafernália tecnológica, tampouco entrar na inventiva hipótese de lutar contra tudo isso, tal qual o imaginava o cavaleiro Dom Quixote de La Mancha a pensar lutar contra gigantes quando se tratavam apenas de Moinhos de Vento... É preciso aliar-se a tudo isso e perceber que a leitura, de certa forma, está presente nas telas em seus mais possíveis formatos e tamanhos. Navegar na internet é, também, uma forma de leitura; uma leitura que deixa rastros através dos *links*.

Trazendo tal discussão para o ambiente escolar, mais precisamente à sala de aula, que tipo de recursos usar para atividades de leitura que ultrapassem a leitura do texto em voz alta, o giz e o quadro-negro?

A leitura do sabor do saber.

A leitura na escola, muitas vezes, torna-se para o aluno um pesado fardo a ser carregado. As chamadas leituras obrigatórias têm sido um dos grandes males para o desinteresse dos alunos, um dos recalques de leitura citados por Roland Barthes em outro texto, *Da leitura*. Ademais dessa leitura de dever, quando o ato de ler é determinado por uma lei (e aqui vale diferenciá-la das leituras instrumentais, que são necessárias à aquisição de um saber, quando o gesto de ler

desaparece sob o de aprender), o escritor, sociólogo e crítico francês aponta para o recalque da biblioteca, por nunca possuir o livro desejado; “[...] espaço dos substitutos do desejo; frente à aventura do ler, ela é o real, naquilo em que este chama à ordem o Desejo: sempre grande demais ou pequena demais, ela é fundamentalmente inadequada ao Desejo.” (BARTHES, 1988, p. 47). É um espaço que se visita, que não se habita – para o que, sugere Barthes, seria necessário ter duas denominações diferentes para os livros: uma para o de biblioteca, outra para o de casa. Uma para o livro emprestado, outra para o agarrado, atraído, escolhido, como se já fosse um amuleto.

Não se está julgando a validade dessa atividade – leitura na escola, mas sabe-se que é necessário, ao se escolher um livro para os alunos, trilhar o caminho que se deseja percorrer. Muitas vezes, há professores que apenas solicitam os livros e cobram de maneira ultrapassada, sem contextualizar a obra, sem propor atividades diferentes que cativem os seus leitores a mergulhar nas profundezas das histórias. Há professores que, infelizmente, ainda trabalham a leitura em sala de aula solicitando fichas de leitura, que incluem dados do livro e pequeno resumo. Além das fichas, muitos livros já vêm das editoras com roteiros de leitura, que incluem atividades e perguntas, todavia é preciso que o professor também esteja atento a isso. Os roteiros de trabalho/leitura pretensamente atuam como um suporte para compreender, fixar e lembrar o texto. Em alguns deles, há questionamentos que requerem pouca reflexão, por exemplo, quando solicitam ao aluno para que releia, retire do texto e localize. É claro que não se pode negar a ineficiência total desses roteiros de leitura, mesmo porque, com esse tipo de atividade, a história é retomada e memorizada. Alguns deles apresentam atividades interessantes que propõem pesquisa e procuram fazer com que o leitor sane suas dúvidas a respeito de termos e compreenda melhor a estrutura da obra. Nesse sentido, cabe ao professor filtrar as atividades e, se for preciso, adaptá-las à realidade da turma.

Que maravilha seria a leitura desinteressada, sem o peso da cobrança, da decoreba de personagens, situações, datas. A leitura do prazer! O leitor é formado ao longo dos anos na sociedade, portanto é preciso que tenha acesso à leitura, às bibliotecas e às livrarias. Infelizmente, isso pressupõe que o leitor tenha tempo livre, o que geralmente não é realidade no Brasil. Os aspectos sociais, econômicos e políticos impedem, muitas vezes, o acesso dos alunos aos livros.

As bibliotecas são poucas e às vezes não dispõem de um acervo adequado. Além disso, muitas vezes, encontra-se na biblioteca um profissional não habilitado, ou seja, remanejado em razão de sua saúde ou da necessidade de cumprir carga horária.

A escola é o espaço principal para se formar leitores; cabe ao professor proporcionar esse ambiente a fim de que os alunos tenham contato com diversas obras literárias ou ainda, com jornais, quadrinhos, lendas, poemas, contos e outros gêneros textuais. É importante que o aluno, a partir das leituras propostas pelo professor, possa perceber as diferentes maneiras de ler o mundo de maneira crítica. Para muitos, a escola é o único lugar onde têm contato com os livros e é na escola que o aluno tem a oportunidade de, por meio da leitura, construir a ponte para a vida. A leitura conjugada com aspectos vividos pelos alunos promove aprendizagem, lida com as emoções ao desenterrar experiências e instiga a imaginação e a criatividade. É por meio das comparações e associações que o aluno poderá assimilar e compreender melhor o mundo cultural que habita. Sobre a cultura, afirma Bourdieu (1999, p. 208) que:

Ela constitui um conjunto comum de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula, segundo uma “arte da invenção” análoga à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares diretamente aplicados a situações particulares.

Ainda para Bourdieu (1999), apesar de a escola representar esse espaço, não é correto afirmar que nela se encontram respostas absolutas, pois a realidade não é absoluta e ela aparece de maneira distinta nos grupos a que os indivíduos pertencem. É certo que a ordem que a escola apresenta a cultura que transmite está frequentemente ligada às necessidades pedagógicas de ensinar, o que muitas vezes dificulta na transmissão do que se pretende ensinar. Em relação à Literatura como disciplina escolar, muitas vezes, há a preocupação dos professores em apenas classificar e hierarquizar, subordinando/canonizando as obras em razão de seus valores, enfatizando muitas vezes, as respostas das perguntas formuladas por eles para que possam cumprir com os objetivos previstos no plano de aula. Os professores devem planejar suas aulas de leitura considerando seu aluno, pois por meio dos questionamentos nós “[...] buscamos o outro nas próprias questões que propomos.” (JOBIM, 1996, p. 66). Portanto, a leitura da literatura é um

modo de representação, às vezes problemática, em que por meio das experiências sociais o aluno pode encontrar um significado e posicionar-se perante as indagações que o cerca.

Ensinar o aluno a ler e escrever é responsabilidade dos professores de todas as disciplinas, não apenas do professor de Língua Portuguesa. Por isso, os professores das outras áreas também devem orientar seus alunos e apresentar diferentes possibilidades de leitura, seja por meio de poemas, mapas, números, seja por meio de símbolos. A sala de aula é o espaço em que o aluno pode assimilar os conhecimentos particulares de cada disciplina e projetá-los, de forma autônoma, para o mundo. A leitura de textos por lazer/prazer permite que os alunos estabeleçam relações com outras áreas do conhecimento, extraindo diferentes conteúdos, fazendo diversas conexões a partir de suas experiências do dia a dia. Nessa esteira, complementa essas ideias a reflexão de Leahy-Dios (2000, p. 214), ao afirmar que:

Um requisito necessário para o fortalecimento e a construção problematizada de um saber literário-pedagógico seria que os professores pusessem seu conhecimento da disciplina em contato com o conhecimento dos alunos, para juntos desenvolverem as habilidades críticas necessárias para poder fazer escolhas racionais tanto no trabalho intelectual quanto na vida.

Para que esses aspectos aconteçam em sala de aula é preciso que o professor firme um compromisso sério com sua prática pedagógica. A partir da realidade entre escola e sociedade é possível estabelecer um ambiente de aprendizagem. Por meio desse diálogo, o aluno perceberá o sentido do texto, seja ele o esperado ou não pelo professor. Então, a partir da resposta, da contextualização feita pelo aluno é que o professor poderá expor as outras possíveis leituras, contribuindo para o conhecimento do aluno. O universo literário é rico em significados. A partir deles, o aluno lê sua própria existência, dando-lhe sentido, independentemente do tema abordado na obra. Aprender a ler é um ato de cidadania.

É importante deixar claro que o educador é quem deve encarar a leitura como paradeiro interessante. É preciso que ele/ela reflita acerca de seu papel dentro da sala de aula, e do que fez até então para conquistar alunos leitores. Afirma Leahy-Dios (2000, p. 200) que professores de literatura não estão preparados para exercerem sua função de forma plena. Eles saem das universidades sem sa-

ber o que pretendem ensinar/despertar e, assim, organizam “[...] em uma bandeja didática a refeição pouco nutritiva imposta em sua formação preparada pelos livros didáticos.” Além disso, o único suporte que o professor tem em sala de aula é, na maioria das vezes, o livro didático, e prepara apenas conteúdos que constam nele, dificilmente acrescentando outro tipo de material e/ou atividades. O professor, muitas vezes, apenas repassa de forma mecânica para seus alunos a arte de combinar letras e palavras, sem refletir sobre questões mais amplas, tornando, dessa forma, suas práticas pedagógicas vazias. Sobre os livros didáticos, afirma Leahy-Dios (2000, p. 206) que “[...] eles apenas representam o estado de pobreza intelectual dos professores e, conseqüentemente, dos alunos de literatura.”

Lajolo e Zilberman (1996) também refletem acerca do livro didático em *A formação da leitura no Brasil*. Para elas, ele é o “primo-rico das editoras”, sua venda é certa; e é o “primo-pobre da literatura”, pois é descartável e impede que o estudante possa avançar na educação. Embora esses aspectos sejam importantes, as estudiosas também lembram que o livro didático forma leitores e faz parte de uma tradição literária que vem desde a cartilha para alfabetização, até os manuais, presentes nas universidades.

Pesquisas comprovam: o meio familiar é primordial para que um leitor seja fisgado desde cedo, mas, e quando a família não o suporta? Quando vê a leitura como perda de tempo, preguiça e distração? Quem entra em cena é o professor, o bibliotecário a fim de tentar livrar os alunos dos interditos.

Em *Os jovens e a leitura* (2008), a antropóloga francesa Michèle Petit, discute esses aspectos mencionados e apresenta como a leitura passou a fazer parte da vida de jovens franceses da zona rural francesa e de bairros marginalizados. Partindo de entrevistas e depoimentos feitos em 1998, Petit (2008) evoca aspectos da leitura apontados pelos entrevistados, o que significa dizer que tipo de benefícios trouxe a leitura para a vida de cada um deles. Entre esses benefícios os entrevistados citam: ter acesso ao saber, apropriar-se da língua, construir-se a si próprio outro lugar, outro tempo, conjugar relações de inclusão, círculos de pertencimento mais amplos.

Além disso, ainda insurge-se a preponderância de uma biblioteca, já que nem sempre os bibliotecários sabem distinguir as diferentes funções na biblioteca: “[...] de estudo, a de leitura ‘para si’, e a função das trocas, das partilhas” (PETIT, 2008, p. 98), aí os jovens são mandados para a rua por conversarem,

falarem alto, quando a biblioteca fora o seu refúgio para sair delas. Para esses jovens da periferia, a biblioteca é um lugar de encontro, de dignidade. A antropóloga, completa:

[...] podemos ter adorado as histórias que um bibliotecário nos lia quando éramos pequenos e depois nunca mais abrir um livro. Porque os trajetos dos leitores são descontínuos, marcados por períodos de interrupções breves ou longas. [...] Não há por que se preocupar com intervalos desse tipo: não se entra na leitura e na literatura como se abraça uma religião. (PETIT, 2008, p. 167).

Entra-se na leitura de forma natural. Ela deve ser estimulada, mas não pode ser imposta de maneira forçosa e autoritária. É importante que o leitor perceba, também, em algum momento de sua vida a necessidade de ler. Caso isso não ocorra, ele pode ser fisgado por algum tema interessante e ser, assim, instigado por algum dos mediadores (escola, professor, bibliotecário, orientador, pedagogo). A prática de ler, como o aponta Petit, ainda é vista de forma bastante equivocada e os leitores adjetivados, por alunos de escolas técnicas ou profissionalizantes na França – e pode-se dizer que aqui não é diferente –, da seguinte forma: palhaço, pretensioso de óculos, filhinho (ou filhinha) de papai, desajeitado, sem personalidade, alguém que acredita ser melhor que os outros, doente, tapado, solitário, chato. (PETIT, 2008, p. 127).

Por que ser o chato, o CDF, o tapado, o intelectual da sala apenas pelo motivo de ler se o popular do colégio é o indivíduo que justamente não lê? Se, para ser um leitor, significa possuir esses adjetivos, é importante trabalhar esses conceitos no ambiente escolar e retirar a carga preconceituosa imposta sobre eles e sobre a leitura.

Escritora de livros infantis e juvenis há muitos anos, tradutora e ensaísta, Ana Maria Machado, em artigo enviado para o jornal *A Folha de São Paulo*, em 1996, posteriormente incluído no livro *Contracorrente*, aponta que o melhor estímulo à leitura ainda é a curiosidade.

O melhor estímulo para a leitura é a curiosidade. Ela é despertada quando alguém nos fala com entusiasmo de um livro que está lendo ou leu, ou quando sabemos da existência de uma obra cujo autor já admiramos ou que, de alguma forma, relacionamos a outra leitura [...]. Adultos que não lêem não dão exemplo de leitura nem despertam a curiosidade sobre livros. (MACHADO, 1999, p. 99).

Ana Maria Machado toca em um ponto interessante: a questão do exemplo. Se a criança tem exemplos de leitura em casa, seja da leitura do jornal, do livro, seja da revista, ela vai querer estar inserida nesse meio lendo algo também. Caso ela não tenha exemplos de leitura em casa, sua ligação com os livros pode se tornar mais incipiente. Despertar a curiosidade é uma das formas de atrair futuros leitores, e ao mesmo tempo é um grande desafio. Petit (2008) salienta que os jovens leem cada vez menos, mas a juventude ainda é a fase da vida em que a leitura é encarada de forma mais intensa. Portanto, a infância e a juventude são momentos preciosos para instigar à leitura. Para que isso aconteça é preciso que haja troca, comunicação e diálogo entre o professor e o aluno. É uma conquista que requer empenho e dedicação, mas que, sem dúvida, vale muito a pena.

School, reading, readers – Litterature

Abstract

Considering the importance of reading as feelings, places, spaces and cultural experience, the aim of this article is to reflect about reading aspects in classroom without losing teaching approach. How to awake the like of reading? Whose is this responsibility? How to deal with the technological gadget?

Keywords: Reading. Litterature. Reader. Classroom. Education.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BUENO, André. **Formas da crise**: estudos de literatura, cultura e sociedade. São Paulo: Graphia, 2003.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 27. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.

JOBIM, José Luís. **A poética do Fundamento**. Ensaios de Teoria e História da Literatura. Niterói: Ed. UFF, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**. Desvios e rumos. Niterói: Ed. UFF, 2000.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente**. São Paulo: Ática, 1999.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2008.

Recebido em 22 de julho de 2009

Aceito em 30 de setembro de 2009